

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

FANNY ELEN BARBOSA DE SOUZA

**MAS SEI QUE TUDO É MEMÓRIA:
livro-objeto memorialístico para Cecília**

Produto Jornalístico

Mariana

2021

FANNY ELEN BARBOSA DE SOUZA

**MAS SEI QUE TUDO É MEMÓRIA:
livro-objeto memorialístico para Cecília**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Ana Carolina Lima Santos

Mariana

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S729m Souza, Fanny Elen Barbosa De .
Mas sei que tudo é memória [manuscrito]: Livro-objeto memorialístico
para Cecília. / Fanny Elen Barbosa De Souza. - 2021.
58 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Lima Santos.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Memória. 2. fotografia. 3. livro-objeto. 4. infância. 5. maternidade.
I. Santos, Ana Carolina Lima. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III.
Título.

CDU REPETIU

Bibliotecário(a) Responsável: FICHA REPETIDA CANCELADA POR ESSEVALTER



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Fanny Elen Barbosa de Souza

Mas sei que tudo é memória: livro-objeto memorialístico para Cecília

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 17 de agosto de 2021

Membros da banca

Dra. Ana Carolina Lima Santos - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Karina Gomes Barbosa - Universidade Federal de Ouro Preto
Bel. Nádia Nunes Lage - Universidade Federal de Ouro Preto

Ana Carolina Lima Santos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 24/08/2021



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Lima Santos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/08/2021, às 07:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0211840** e o código CRC **39344910**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.008733/2021-12

SEI nº 0211840

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

À Cecília que, sem ela, esse projeto não existiria e por me fazer reviver e viver a vida de outra forma.

À minha mãe, que mesmo na memória se faz presente nas fotografias e objetos.

Ao meu pai, pela confiança e apoio, pela casa em Queluzito que permanece alicerce e ponto de encontros.

Ao meu irmão Farley, por fazer parte da minha infância e dos primeiros momentos de Cecília.

À minha tia Leonice, que dá valor às memórias e sabe a importância delas e não permite que eu desfaça de muitos objetos em minha casa.

À cidade de Mariana, que me permitiu novas experiências e o prazer de viver em uma cidade histórica.

À UFOP, pelo ensino público e de qualidade, pela oportunidade de exercer uma graduação e por me abrir os olhos para a realidade de muitos brasileiros.

À minha orientadora, Ana Carolina Lima Santos, que conheci quando descobri a gravidez e me acolheu e tornou possível e prazeroso a execução desse trabalho em meio aos desafios da maternidade.

Aos professores do curso de Jornalismo, em especial, André, Karina, Hila, Cláudio e Michelle pelas aulas memoráveis.

Aos professores Caíque e Prussiana que me apresentaram outras possibilidades artísticas de fazer jornalismo.

Às vizinhas de sacada no Elogio's Hostel, Yasmin Winter, Jouse Ribeiro e Carolina Mourão.

À Yasmine Feital, que apesar da distância imposta, não soltou minha mão nos momentos mais difíceis.

*Para minha filha Cecília, que cresce a cada dia
e aos poucos os traços de bebê
ficam apenas na memória
e nas fotografias.*

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de criar um livro-objeto capaz de mostrar a potência das fotografias e a relevância delas no suporte de (re)construção de uma memória. Trabalha, especificamente, uma memória familiar, a partir da elaboração de uma curadoria de fotografias feitas durante o primeiro ano de minha filha, Cecília, assim como o resgate de algumas fotografias de minha própria infância. O produto final, bem como o memorial que o acompanha, são sustentados por alguns conceitos como fotografia, álbum fotográfico, livro-objeto, memória, identidade, infância e maternidade. A realização do trabalho foi baseada no meu afeto e conexão com Cecília, que aos poucos perde as características físicas de um bebê, indo de encontro da conquista da autonomia e sua própria identidade. Esse tom pessoal, de interesse no meio familiar, em que os álbuns fotográficos perpassam de geração para geração, vai além, servindo para mostrar como histórias cotidianas, através da fotografia, têm o poder de tocar outras pessoas e compartilhar força, esperança e serem exemplos de superação e amor.

Palavras-chave: Fotografia; livro-objeto; memória; infância; maternidade.

ABSTRACT

This work aims to create a book-object capable of showing the power of photographs and their relevance in supporting the (re)construction of a memory. Specifically, it works with a family memory, from the elaboration of a curatorship of photographs taken during my daughter's first year, Cecília, as well as the rescue of some photographs from my own childhood. The final product, as well as the memorial that accompanies it, are supported by some concepts such as photography, photo album, object book, memory, identity, childhood and motherhood. The work was based on my affection and connection with Cecília, who gradually loses the physical characteristics of a baby, going against the achievement of autonomy and her own identity. This personal tone, of interest in the family environment, in which photo albums pass from generation to generation, goes further, serving to show how everyday stories, through photography, have the power to touch other people and share strength, hope and be examples of overcoming and love.

Keywords: Photography; object book; memory; childhood; maternity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. MEMÓRIA, IDENTIDADE E FOTOGRAFIA ATRAVESSADOS PELO AFETO	11
1.1 álbuns fotográficos como condutores da memória familiar.....	12
1.2 Fotografia enquanto máquina do tempo e instrumento de afeto.....	16
2. O LIVRO-OBJETO DA CONCEPÇÃO À CIRCULAÇÃO	21
2.1 A produção do scrapbook.....	23
2.2 O poder de um álbum fotográfico.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE 1 - Páginas do livro-objeto.....	40
APÊNDICE 2 - Textos dos cartões	49
ANEXO - Poema “Memória” de Cecília Meireles.....	56

INTRODUÇÃO

O que é memória para você? Memória para mim é tudo aquilo que está à minha volta. Tudo isso que me cerca, amanhã será uma lembrança, que poderá se manifestar a partir de determinados momentos, gestos, cheiros, objetos e outros “gatilhos” para que então possa ser feito o que melhor entenderem a respeito dela. Além de envolver as diferentes temporalidades (o presente que se torna passado e de novo se presentifica), a memória jamais se dá perfeitamente. Como pondera Joel Candau (2012, p. 09), é “[...] uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele”. O autor afirma ainda que a memória e identidade estão relacionadas, já que é através de uma que se constrói a outra, seja a identidade individual ou social.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2012, p. 16)

Em se tratando de um bebê, o primeiro ano de vida normalmente não será muito lembrado por ele, apesar da memória ser “uma faculdade presente desde o nascimento e a aparição da espécie humana” (CANDAU, 2012, p. 19). Toda a evolução, desde a saída da barriga da mãe, a conexão com ela, a amamentação, o laço criado entre mãe e filha, o primeiro sorriso, os primeiros movimentos voluntários, a primeira vez que rolou na cama, que sentou, que experimentou uma fruta, que andou, nada disso será lembrado por nenhum ser humano. Para o bebê, a memória do primeiro ano de vida pode não significar nada à medida que vai crescendo e tomando entendimento das coisas, descobrindo o mundo, a sociedade. Mas a mãe, ah, a mãe não quer esquecer nenhum momento. Porém certamente haverá o esquecimento, como retrata certo poema de Cecília Meireles (apud GENEROSO, 2010, p. 5): “Por um momento persigo-os; de repente, os mais exatos perdem a exatidão. Se falo, nada responde. Depois, tudo vira vento, e nem o meu pensamento pode compreender por onde passaram nem onde estão”.

Cecília, minha filha, está crescendo. Ela tinha apenas três meses de vida quando a pandemia de coronavírus chegou ao Brasil em 2020. Várias incertezas pairaram sobre todos, principalmente em mim, mãe de primeira viagem que morava sozinha com sua recém-nascida.

A situação de isolamento social e quarentena criou um laço, maior do que esperado, entre nós duas. Talvez até uma certa dependência. Não de Cecília comigo, mas de mim para com Cecília. Mais de um ano se passou e ela já criou uma certa independência, uma conquista esperada e normal de ocorrer após o primeiro aniversário de uma criança.

O final do primeiro ano de vida é um momento importante do desenvolvimento infantil, uma vez que a criança apresenta novas aquisições em termos de linguagem, locomoção e exploração do ambiente e começa a manifestar comportamentos característicos de separação em relação ao cuidador. Estas aquisições acabam tendo um impacto nos sentimentos maternos, de modo que constituem um desafio para a mãe, que precisa adaptar-se às novas exigências e aprender a entender como lidar com elas. (BELLINI, 2008, p. 15)

Com o início de 2021, a necessidade de retomar os estudos no curso de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto tornou-se prioridade em minha vida, junto com Cecília. Para me formar, precisei que alguém olhasse minha filha para mim. A autonomia que ela começa a ter trouxe o desafio de lidar com o sentimento de que eu, como mãe, fui colocada em segundo lugar. Com isso, surge o medo de perder a conexão que foi criada entre nós no primeiro ano de vida e que ela seja esquecida por minha filha. Mesmo que meu objetivo sempre tenha sido criá-la para o mundo e queira que ela continue aprendendo tudo de forma autônoma, em seu tempo, o medo persiste. Leonora Bellini (2008, p. 10), ao discutir essa etapa do desenvolvimento infantil, afirma que “a criança permanece absorvida em sua atividade e explorações por um longo período, parecendo esquecer da mãe”; algo que aos poucos começo a experienciar. “É característico desta fase uma relativa falta de interesse pela presença materna” (BELLINI, 2008, p. 10). O medo do esquecimento é mais uma vez reafirmado.

E foi esse sentimento que me levou a elaborar este trabalho. Preciso ter em mente que “o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança” (CANDAU, 2012, p. 15). E a forma que encontrei para isso foi a fotografia. Como já diz a expressão popular, uma imagem vale mais que mil palavras. E a fotografia surgiu também com a missão de registrar algumas pessoas ou acontecimentos para que não fossem completamente esquecidos ou substituídos. Acredito que, através da fotografia, podemos viajar pelas lembranças e recordar diversos momentos e assim eternizá-los, como diz Schapochnik (1998 apud ABDALA, 2013).

[...] quando olhamos uma fotografia, não é ela que vemos, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela que se tem diante dos olhos. [...] A capacidade associativa e o estabelecimento de séries repousaria, em última instância, no estranho jogo que articula a fixidez da imagem fotográfica com a

perenidade das lembranças de pessoas e acontecimentos. (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 460, apud ABDALA, 2013, p. 220)

Diante de tantos sentimentos e lembranças para serem rememorados, decidi criar um livro-objeto em que procuro eternizar, principalmente por meio de fotografias, as primeiras memórias da minha primeira filha. *Mas sei que tudo é memória: livro-objeto memorialístico para Cecília*¹ surge assim (apêndice 1). O poema “Memória”, de Cecília Meireles (anexo), serve de inspiração. Ele fala de uma família que anda longe, aludindo a possíveis caminhos a serem andados ou já percorridos. Minha família se tornou Cecília. Com ela percorri nesse primeiro ano muitos caminhos, mas sei que ainda há outros para percorrermos. Mesmo tendo caminhado tão juntas, todos os momentos parecem para mim representar mais do que mil anos acumulados. Ela não se recordará de nada, mas eu sim. Pensando nisso, através do livro, ela poderá criar recordações daquilo que um dia viveu. O livro-objeto também ajudará Cecília a reafirmar sua identidade, já que “cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, interesse, sua profundidade ou suas lacunas” (CANDAU, 2012, p. 24). Apesar disso, acredito que, no fundo, talvez este projeto experimental seja mesmo mais para mim mesma, para que eu eternize meus momentos com ela.

Para realização deste memorial e do produto, tomo como base o poema “Memória”, de Cecília Meireles, consultado no artigo de Daniele Morais Generoso, “Memória e poesia: revivendo momentos e eternizando o efêmero” (2010), cuja análise ajuda também na minha interpretação de Meireles. Recorro ainda à dissertação de mestrado de Lenora Bellini (2008), *A vivência materna do processo de separação-indivuação mãe-bebê no primeiro ano de vida até a entrada na educação infantil*, que traz fundamento para meu sentimento de perda e medo do esquecimento com a realização do primeiro aniversário de Cecília.

No capítulo um do memorial, recupero as análises e definições de memória do livro *Memória e Identidade*, de Joel Candau (2012), assim como as noções de memória familiar sedimentada em fotografias e álbuns, para as quais também visito a tese de doutorado de Rachel Duarte Abdala (2013), *Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)*, e o artigo “Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente”, de Miriam Lifchitz Moreira Leite (2005).

Já no capítulo dois, conto um pouco sobre o processo de idealização e produção do livro. Através da Elizabeth Badinter (2011), em *O conflito: a mulher e a mãe*, ressalto a forma como

¹ Um vídeo exporitor do livro-objeto pode ser acessado em: <https://youtu.be/R1dj0gga3Vw>.

a novidade da maternidade me afetou e como mesmo sozinha e abstendo de um antigo estilo de vida, encontrei amor e consegui transbordar o afeto. Com ajuda do conto “A aventura de um fotógrafo”, do livro *Os amores difíceis*, de Ítalo Calvino (1992), busco entender os motivos pelos quais registrei assiduamente o primeiro ano de minha filha, formando o arquivo-base do produto. Para entender o conceito de livro-objeto e como executar um, consultei a dissertação *Design do livro objeto infantil*, de Elizabeth Romani (2011).

No mesmo capítulo, etapa por etapa, mostro como o livro foi feito, da escolha de elementos e fotografias à montagem. Através do artigo “Articulações afetivas e políticas da fotografia de família no entretempo anacrônico da memória ditatorial: sobre *Arqueologia da ausência*, de Lucila Quieto”, escrito por Ana Carolina Lima Santos, Mariana Paes Santos e Victor Macedo de Souza Laia (no prelo), aponto o poder das fotografias e os diferentes significados e sentimentos que elas podem emanar, dependendo de quem as visualiza, sobretudo quando há um envolvimento familiar, algo que permeou meu processo produtivo, como diretamente envolvida, mãe da personagem e leitora principal do meu livro-objeto. Através das ideias de Ana Carolina Lima Santos e Michel de Oliveira (2017), no artigo “Entre o afetivo e o político: o ensaio ausências, de Gustavo Germano como reconfigurador das memórias da ditadura”, indico como, apesar do direcionamento inicial a um público restrito (Cecília e nossa família), há outros possíveis interessados a quem o produto também se direciona. Por fim, seguindo essa pista, com ajuda do livro *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, de Beatriz Sarlo (2007), mostro como o trabalho se torna interessante objeto de estudo, quando se enxerga sua subjetividade. Com Sarlo (e também com “O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens”, de Boris Kossoy (2005)), já na conclusão, percebo essa subjetividade na textura da vida, inclusive para sonhar com o que já foi e o que ainda pode ser.

1. MEMÓRIA, IDENTIDADE E FOTOGRAFIA ATRAVESSADAS PELO AFETO

A noção de memória provoca diversos questionamentos em diferentes áreas do conhecimento: comunicação, arte, psicologia, sociologia, antropologia, etc. Ao teorizar sobre a memória em uma perspectiva antropológica, segundo a qual o que interessa é o homem como sujeito social e cultural, Joel Candau (2012) compreende, a partir de dados empíricos, como as pessoas chegam a compartilhar práticas, representações, crenças e lembranças, produzindo o que chamamos de cultura. A memória assume, então, papel central na visão do autor. Ele acredita que ela pode ser entendida a partir de três manifestações: protomemória, memória de alto nível e metamemória. Cada uma delas possibilita, a Candau (2012), conceber uma construção social dialógica da memória.

A protomemória, que também pode ser chamada de memória de baixo nível, constitui os saberes e as experiências mais resistentes do homem. Essa memória se dá de forma imperceptível, pois ocorre sem que o homem esteja consciente, como “as aprendizagens primárias que, do ponto de vista corporal, são como lembretes” (CANDAU, 2012, p. 22). Já a memória de alto nível trata-se da memória propriamente dita, que ocorre deliberadamente ou é acionada involuntariamente, através de lembranças, crenças, sensações, sentimentos, objetos, etc. E, por último, há a manifestação de memória que é de interesse principal deste projeto experimental: a metamemória.

A metamemória que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao “modo de afiliação de um indivíduo a seu passado” e igualmente, como observa Michael Lamek e Paul Antze, a construção explícita da identidade. (CANDAU, 2012, p. 23)

Ao abordar o conceito de identidade, Candau (2012) o entende como utilizado nas Ciências Humanas e Sociais, no sentido de que se configura uma representação, quando se tem uma ideia de quem determinada pessoa é. Pela relação que o autor propõe especificamente entre metamemória e identidade, é possível dizer, por exemplo, que as minhas memórias como mãe e a representação que sou capaz de criar delas, no registro de momentos com Cecília através de fotografias, são capazes de despertar novas lembranças, tanto em mim, quanto futuramente nela, constituindo-se como metamemória, que acabam contribuindo e validando nossas identidades. Miriam Leite (2005) acredita que quem examina uma fotografia (e ela está se referindo à fotografia de família, como são as minhas com Cecília) acaba sempre relacionando a imagem com ela mesma, numa busca de identificação com o que é visto e com quem ela é ou seria se

talvez não tivesse visto aquela foto, o que reforça o entendimento da sua importância na representação da memória, na metamemória e, por tabela, na construção da identidade, como diz Candau (2012).

Entendo que devido a idade de Cecília ou outros fatores, talvez as minhas lembranças e memórias compartilhadas com ela irão influenciar suas próprias memórias e o entendimento que ela mesma tem sobre sua identidade. Candau (2012, p. 49) afirma que “podemos nos apoiar sobre a memória dos outros”. Reconheço, dessa forma, que os registros fotográficos de Cecília, feitos por mim, e a narrativa criada com eles pode gerar uma “interferência” em suas memórias, em uma possível concordância recíproca de memórias individuais.

[...] toda a memória é social, mas não necessariamente coletiva - e em alguns casos e apenas sob certas condições se produzem “interferências coletivas” que permitem a abertura recíproca, a inter-relação, a interpenetração e a concordância mais ou menos profunda de memórias individuais. Quando os caminhos tomados por estas se cruzam e se confundem, esse encontro confere alguma pertinência à noção de memória coletiva que, nesse momento, dá conta de uma relativa permeabilidade de consciências, [...] entre as representações do passado elaboradas por cada indivíduo. (CANDAU, 2012, p. 49)

Portanto, uma memória externa, tida como social ou coletiva, é vista como um apoio, um facilitador que pode se constituir uma construção social dialógica, ou seja, no modo como ela mesma, no futuro, irá lidar com o legado memorialístico-identitário que ofereço, o que abre margem para várias interpretações. Por mais que haja esse apoio externo em recordar os momentos apresentados a Cecília, “as sequências individuais de evocação dessas lembranças serão possivelmente diferentes, levando em consideração as escolhas que cada cérebro pode fazer no grande número de combinações da totalidade de sequências” (CANDAU, 2012, p. 36). Dois observadores não compartilham a mesma experiência, então sei que ela processará, com certa permeabilidade mas também autonomia, a metamemória então deixada por mim.

1.1 Álbuns fotográficos como condutores da memória familiar

Existe ainda o conceito de memória familiar. Quando se pensa em memória familiar eu particularmente já penso em álbuns fotográficos. E por trás de um objeto como esse, existem várias lembranças, histórias e situações do cotidiano que constitui uma memória familiar significativa que merece ser lembrada. Toda pessoa da família que percorrer as páginas de um artefato como esse acionará diversas memórias. Candau (2012, p. 137) acredita que “o conjunto de lembranças que compartilham os membros de uma mesma família [...] participa da

identidade particular dessa família”. Portanto, todas as recordações, sejam elas boas ou não, constituem um histórico familiar, uma herança que é passada de geração para geração e nos faz percorrer lugares antes não vistos, sobre os traços de nossos familiares.

Para além do álbum de família, uma memória familiar pode ser constituída pela vida profissional que um membro leva, mobiliários, vestimentas, documentos, objetos que representam uma memorização tangível do cotidiano de alguma pessoa, até mesmo datas marcantes, sejam elas celebrações ou em caso de mortes. “É na vida quotidiana que se ancora a memória familiar” (CANDAU, 2012, p. 138). A esses arquivos e objetos pode ser atribuído o status de acervo histórico de uma sociedade, já que haverá notoriedade de costumes antigos, como trajes de época ou mudanças geográficas de um local. Para a preservação e disseminação dessa memória familiar, é sempre acionada a metamemória, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória e, nesse caso, da memória familiar.

[...] a conservação coletiva de saberes, de referenciais, de recordações familiares e de emblemas (fotografias, lugares, objetos, papéis de família, odores, canções, receitas de cozinha, patronímia e nomes próprios), bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento e dos laços familiares, fazendo com que os membros da parentela queiram considerar-se como uma família. (CANDAU, 2012, p. 140)

Figura 1. Álbum da minha infância.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 2. Meu irmão Farley me pegando no colo no dia do meu batizado.



Fonte: fotografia de autoria não identificada, acervo pessoal.

Figura 3. Vó Nega me pegando no colo.



Fonte: fotografia de autoria não identificada, acervo pessoal.

Figura 4. Meu irmão e meu pai me auxiliando nos primeiros passos.



Fonte: fotografia de autoria não identificada, acervo pessoal.

Figura 5. Ao lado do meu irmão Farley, com o pôr do sol ao fundo.



Fonte: fotografia de autoria não identificada, acervo pessoal.

Minha mãe, Lucilene, montou vários álbuns com minhas fotografias infantis (figura 1). Tenho pelo menos uma foto de todos os anos da minha infância. As primeiras imagens surgem no batizado, quando meu irmão, Farley, me pegou no colo, talvez pela primeira vez (figura 2), em seguida há registros de quando engatinhei, quando comecei a andar, de momentos no gramado da casa onde passei minha infância, ao lado de meus brinquedos, com minha já falecida vó Nega (figura 3), com meu pai e meu irmão (figura 4), além de diversos outros familiares e, um pouco mais crescida, em outras cenas ao lado do meu irmão (figura 5), me divertindo na piscina e em coroações de eventos religiosos. Minha filha Cecília está com pouco mais de um ano e, desde a gravidez, também pensei em construir um álbum de fotografias dela. E por que todos esses momentos são tão nostálgicos e queridos de serem lembrados? “Como explicar esse desejo de inscrever uma memória na eternidade?” foi o questionamento feito por Candau (2012, p.139) e logo soube responder, ao menos o meu querer: pelo medo do esquecimento.

Ora, a memória familiar é uma memória curta: ela não remonta além de duas ou três gerações. “O esquecimento ameaça gerações, uma após outra, e os ancestrais distanciados de nós por algumas gerações somente se confundem em uma massa anônima.” Cada indivíduo sabe que, uma vez que a profundidade de sua própria memória não vai além de duas ou três gerações, ele mesmo será totalmente esquecido algum tempo após sua morte. (CANDAU, 2012, p. 139)

A ideia da construção do álbum fotográfico, além de poder eternizar através de fotografias determinados momentos que, depois de ocorridos, existem apenas na memória, para mim está no propósito de não perder a conexão e o sentimento que eu tive diretamente com Cecília durante o primeiro ano de vida, quando se iniciou sua autonomia. Portanto, um álbum

é realizado por um propósito coletivo de memória familiar, ao mesmo tempo que quem constrói o álbum tem um propósito para si. Candau (2012, p. 139) diz que “mesmo quando inscrita na construção de uma identidade coletiva (comunitária ou familiar, por exemplo), a transmissão que todo genealogista procura é, antes de tudo, a de si mesmo: salvaguardando a memória de seus ancestrais, ele protege também a sua”. Portanto o álbum fotográfico ou “a memória familiar é para o indivíduo ao mesmo tempo a consciência de uma ligação e a consciência de uma separação” (CANDAU, 2012, p. 141) - separação essa que, fazendo uma analogia com a chegada da autonomia de Cecília em seu primeiro ano de vida, tem se mostrado extremamente difícil de lidar quando se pensa em uma ausência do que Cecília um dia foi para mim e do que eu representava para ela.

1.2 Fotografia enquanto máquina do tempo e instrumento de afeto

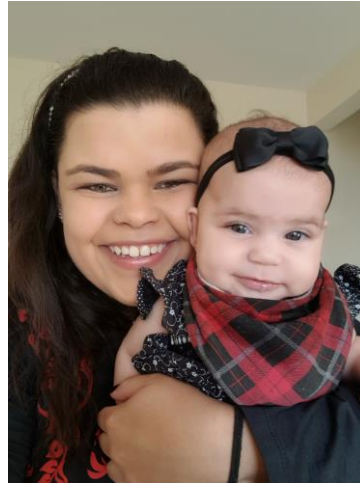
Buscando entender o ato de fotografar e a fotografia como objeto, recorremos a Miriam Leite (2005), para quem ela é uma extensão do olhar, configurando imagens que são fixadas do transcurso da realidade e podem ou não ser desdobradas na memória. Boris Kossoy (2005) diz que, quando a fotografia surgiu, também foi inventada, de certa forma, a máquina do tempo. Através das imagens, viajamos no tempo em diferentes cenários, sujeitos a diversas interpretações. Portanto, a fotografia contribui para o não esquecimento e reafirmação de um sentimento que pode ser afetivo. “[...] a fotografia se oferece como registro do que o espelho vê, a oportunidade de ver e saber como os outros nos vêem e como éramos quando não tinha ainda havido ausências, nem separações” (LEITE, 2005, p. 38).

Figura 6. Cecília aos três meses de idade.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 7. Cecília aos três meses de idade e eu.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 8. Cecília aos onze meses de idade.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 9. Cecília aos onze meses de idade e eu.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Hoje percebo várias mudanças não somente físicas mas também comportamentais em Cecília, muitas delas eternizadas em fotografias. Após algum tempo sem visitar esse acervo fotográfico, pode ser percebido uma evolução cronológica, um histórico do desenvolvimento da Cecília. Também pode ser notada a forma como era e como já não é mais, o que antes fazia parte de sua fisionomia e hoje já não é mais característico. As fotografias tiradas aos três meses de idade (figuras 6 e 7) trazem lembranças e sensações totalmente diferentes de uma fotografia tirada aos onze meses (figura 8 e 9). As imagens são precisas, mas, nessa perspectiva memorialística, definem a verdade visual de quem vê, ou seja, depende das sensações e lembranças então evocadas.

À polissemia das imagens fotográficas acrescenta-se que, na foto, além do enquadramento de três em duas dimensões, estão ausentes outros elementos sensoriais como o cheiro, a cor, a temperatura e as texturas. E circunstâncias conjunturais se acumulam em volta de instantâneos de um único momento presente. São elas que permitem associações e evocações produtivas de outras imagens armazenadas na memória. (LEITE, 2005, p. 37)

Portanto, a imagem fotográfica permite, ao olhar da pessoa que vê, diversas interpretações. Com o passar do tempo, a cada época ou geração que visualiza uma determinada imagem, o mecanismo da memória é ativado e assim é despertada diversas sensações guardadas no inconsciente da pessoa. “Quando esse mundo se nos torna familiar, quando o aceitamos enquanto meio de informação e emoção, detectamos em certas imagens aquela sensação de déjà-vu, uma sensação que se repete e que nos é projetada interiormente pela nossa memória” (KOSSOY, 2005, p. 37).

Figura 10. Cecília no gramado de frente da casa onde passei a infância, em Queluzito.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 11. Eu no gramado de frente da casa onde passei a infância, em Queluzito.



Fonte: fotografia de autoria não identificada, acervo pessoal.

As fotografias também podem dialogar entre si, podendo haver uma relação entre as imagens, entre elementos que se conectam. Eu mesma realizei algumas experiências ao fotografar Cecília (figura 8), na tentativa de reproduzir fotografias que minha mãe fez de mim quando eu era bebê (figura 9). Ao ver a fotografia de Cecília posso ser transportada para fora daquela imagem, para outro tempo e época. Nessas imagens em específico, as duas fotografias foram feitas no gramado da frente da minha casa na cidade de Queluzito, Minas Gerais, em dois momentos diferentes da minha vida: eu ainda bebê e eu, como fotógrafa, registrando a minha filha. O modo como eu mesma enxergo ambos os momentos poderia exemplificar o que diz Kossoy.

[...] algo se passa na dimensão das imagens, no seu mundo próprio que é o da representação: um mundo que também é real, ou melhor, se torna real a partir do momento em que observamos o conjunto ou edição através de nossos filtros individuais e de nossas fantasias. É quando se estabelece o diálogo. São mundos efêmeros na medida em que criados pelas mentes de certos receptores-espectadores; mundos imateriais, emocionais, de curta duração. (KOSSOY, 2005, p. 37-38)

Somado todos esses conceitos até aqui trabalhados (memória, identidade, memória familiar, álbuns fotográficos e fotografias), todos eles têm como base, neste projeto experimental, um fator principal: o afeto. É ele, mais especificamente o afeto que tenho por minha filha e a necessidade de rememorar aquilo que um dia foi, através de fotos, um fragmento selecionado do real, que nele me move. Eu, fotógrafa amadora, com pouco conhecimento

profissional e em sua maioria com registro através do celular, busquei captar todos os momentos de Cecília de quase todos os dias do seu primeiro ano de vida. A mim não importou obter um registro profissional, mas sim um registro diário, para deixar guardado o dia a dia por nós vivenciados. Esses momentos eram os melhores, se tornou uma paixão captar todas aquelas imagens e quem as vê não imagina o quanto de amor e carinho havia envolvidos.

Toda imagem fotográfica tem atrás de si uma história. Se, enquanto documento, ela é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, nos mostra como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo, enquanto representação, ela nos faz imaginar os segredos implícitos, os enigmas que esconde, o não manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo. (KOSSOY, 2005, p. 41)

A história por trás de todas as fotos de Cecília é regada de vários sentimentos, em sua maioria de felicidade, amor, carinho e principalmente cuidado. Quando vejo as fotografias, no momento de rememoração, quando os dias atuais e a realidade atual já é outra, as imagens podem trazer o sentimento de felicidade contida e preservada daquele momento, como um breve sentimento de alegria, em um saudosismo gostoso de se sentir. É, ainda, uma oportunidade de saber como Cecília era, ou pelo menos como eu gostaria de sempre lembrar dela, feliz.

2. O LIVRO-OBJETO DA CONCEPÇÃO À CIRCULAÇÃO

Com a chegada de Cecília, pode-se dizer que existe a Fanny de antes e depois. Antes havia um curso de vida, não tão definido assim, mas era baseado na independência e na liberdade de se poder fazer e ir onde interessasse; agora novas pautas surgiram, que se baseiam não apenas na maternidade, mas em criação, educação e definitivamente preocupação. “Quanto maior a liberdade de decisão, maior a responsabilidade dos deveres. Em outras palavras, a criança, que representa uma fonte incontestável de realização para algumas mulheres, pode revelar-se um obstáculo para outras” (BADINTER, 2011, p. 199). A autora se refere principalmente à fase da maternidade feita de esgotamento, após o nascimento, devido à entrega e demanda gerada pela mãe. Entretanto, antes mesmo dessa fase chegar, ainda na gestação, eu que antes possuía total autonomia, me vi diante de um obstáculo, que enxerguei naquele momento o fim da minha liberdade e dos prazeres que ela me oferecia. Não escolhi engravidar, mas aconteceu. Entretanto, como tantas outras mulheres no mundo, mesmo quando eu escolhi ser mãe, isso não me garantiu, como inicialmente acreditei, uma melhor maternidade (BADINTER, 2011). A situação se torna um pouco pior quando assumo (para mim mesma) que sou mãe solteira. Dentre tantos desafios da maternidade, ainda há as questões do emprego: jornada dupla, às vezes tripla, além da desigualdade salarial. Entretanto a maternidade está aqui. Uma mudança de prioridades surge. Busquei me adaptar e nela encontrar um meio de felicidade. Tive medo de fracassar, mas agora, após quase dois anos do nascimento e com os registros do primeiro ano, é visível o afeto, a cumplicidade, o carinho e o amor maternal.

Diante de todas essas mudanças, algo se mantém. Pode-se dizer que a principal forma de registro que sempre esteve presente na minha vida e foi ressignificada com esse acontecimento (nascimento de Cecília) é a fotografia. Como mencionado anteriormente, através dela, podemos viajar e recordar diversos momentos, eternizando-os. Mesmo tendo uma relação prévia com a fotografia que era até intensa, creio que nunca havia registrado tantos momentos quanto no primeiro ano de Cecília. Lembro de me deitar na cama à noite e passar pelas fotos no celular, recordando o dia que tive com ela. Somente assim, quando colocava os olhos nas fotos, que eu reconhecia o dia passado, os momentos e o quanto pouco a pouco o desenvolvimento e crescimento tomava conta da minha vida e de Cecília. Me questiono se eu teria feito isso diante de outro acontecimento em minha vida e o porquê de o primeiro ano de maternagem ter me marcado tanto. Hoje, Cecília, com quase dois anos, já não fotografo tantos momentos dela quanto antes.

Um dos primeiros instintos dos pais, depois de pôr um filho no mundo, é o de fotografá-lo; e dada a rapidez do crescimento torna-se necessário fotografá-lo com frequência, pois nada é mais transitório e irrecordável de que uma criança de seis meses, rapidamente apagada e substituída pela de oito meses e, depois, pela de um ano; e toda a perfeição que aos olhos dos pais um filho de três anos pode ter atingido não é suficiente para impedir que suceda a ela, destruindo-a, a nova perfeição dos quatro, só restando o álbum fotográfico como lugar onde todas essas perfeições fugazes se salvam e se justapõem, cada uma aspirando a um absoluto próprio incomparável. (CALVINO, 1992, p. 53)

Sei que o primeiro ano não encerra o desejo de seguir fotografando-a, como Ítalo Calvino (1992) afirma, mas quis marcar esse período de tanto fervor fotográfico, documentando nossa conexão e dependência, antes que elas pudessem ser descontinuadas a partir de novas descobertas. Diante de tantos registros, quando me propus a criar um livro-objeto para Cecília (apêndice 1). Mesmo se tratando de um produto fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, a ideia principal era de que o livro se comunicasse com sua principal leitora, isto é, com Cecília, e que houvesse interatividade, para estimulá-la a manuseá-lo. Além disso, minha vontade era de que fosse algo artesanal, literalmente envolvendo linha e tesoura.

A primeira proposta foi a produção de um livro-objeto sensorial, um *quiet book*, livro feito especialmente para bebês em seus primeiros anos de vida, em que o principal objetivo é o estímulo dos sentidos e da coordenação motora. Arelada à essa função, o produto teria um bônus, ele seria executado de forma que as fotografias de seu primeiro ano fariam parte das páginas. Contudo, em algum momento, percebi que o ideal seria que o produto fosse algo que ela pudesse carregar para além da infância, da mesma forma que eu ainda possuo o meu próprio álbum de fotos, criado pela minha mãe. Pensando na conservação, quanto à durabilidade, na execução e no manuseio do produto, decidi pela criação de outro tipo de livro-objeto.

A produção de livro-objeto firma-se após o manifesto neoconcreto, o que o transforma numa produção artística, com a narrativa livre e as páginas soltas convidativas ao manuseio. Obras consideradas transitórias porque a percepção narrativa muda a cada leitura. O livro objeto exige a participação do leitor, o qual experimenta conteúdos, formas, efeitos, funções, nova disposição espaço temporal, sonoridades, deslocamentos, limites, levezas e estranhamentos. A poética visual é o ponto forte do livro. (ROMANI, p. 17, 2011)

Seguindo essa definição, meu livro objeto se assemelha a um álbum. Valorizando a fotografia como elemento principal e não deixando a interatividade de lado, observei no formato de *scrapbook* a possibilidade de inserção de outros elementos que levariam a cada leitura do livro uma narrativa diferente da anterior, como afirma Elizabeth Romani (2011). “A narrativa

sequencial presente nos livros-objeto pode ser encontrada nas dobraduras e nos encartes, expressando-se tanto pelas possibilidades de articulação, como pela surpresa de novas informações (SILVEIRA, 2001, apud ROMANI, 2011, p. 17). O *scrapbook* é um livro-objeto também por se tratar de “um produto reproduzível de expressão artística, em que a narrativa é explorada pelo leitor por meio da manipulação, permitindo uma forma de leitura singular”. (ROMANI, 2011, p. 17).

2.1 A produção do scrapbook

Como já dito, minha vida mudou. Isso aconteceu depois de um teste de gravidez, seguido de um ultrassom. É com o registro das imagens dos ultrassons realizados para acompanhamento da gestação que se inicia o livro. Em seguida, fotografias do dia do parto surgem, bem como da saída da maternidade. Há ainda fotos de pessoas importantes que me acompanharam nesse momento, da chegada em casa, da queda do cordão umbilical, símbolo da primeira conexão desfeita entre nós duas. Esses primeiros dias, em que a ficha de que era mãe caiu para mim, mereceu destaque. A partir daí documento alguns momentos que ocorreram durante seus doze primeiros meses de vida. Página por página, mês a mês, há fotografias de Cecília fazendo uso de objetos que antes eram meus, momentos de felicidade, de bagunça que, em sua maioria, aconteceram na casa do meu pai, que no livro é tratado como vovô Moisés. Tem também de diferenças físicas, visíveis pelo seu crescimento, de novas conquistas, como engatinhar, comer frutinhas e andar. Recordações de momentos marcantes, como o batizado, igualmente aparecem. Há até mesmo registro de momentos não tão bons, quando houve a primeira queda da cama e internação após ficar doente.

Para além do seu primeiro ano de vida, a conexão entre minha infância e a de Cecília tornou-se pertinente. Além de objetos significativos que eram meus e foram compartilhados com ela, trazendo à tona todas as velhas recordações, a reprodução de antigas fotos minhas enquanto bebê, comparadas com as da minha filha, inclusive na relação entre o espaço em que vivi e que hoje minha filha ainda vive, geram novas recordações, o que possibilitou um novo capítulo de memórias para Cecília, de sua infância “costurada” à minha. Nesse novo capítulo mostro nossas semelhanças para além do físico. As mudanças da casa do vovô Moisés, que continua sendo o centro de encontro da família e registros de acontecimentos importantes em cada fase de crescimento, tanto minha, quanto de Cecília. Também exponho a forma como até

mesmo a ausência de uma pessoa - minha já falecida mãe - ainda pode estar presente na vida de quem nunca a conheceu, ou seja, de minha filha.

A interatividade se faz presente em todo o livro-objeto, seja no virar de cada página, na retirada das fotos que se encontram inicialmente ocultas e na relação possível de ser estabelecida entre fotos e textos. Embora eu não esteja presente em todas as fotos apresentadas no livro, pode-se notar minha presença de modo ubíquo, na conexão da fotografada com a fotógrafa, no caso eu. Ao fotografar Cecília em meio a atividades banais, dormindo, comendo, com uma roupinha diferente, brincando, estabeleço com ela uma ligação, que se nota na maioria das fotos, em que Cecília olha diretamente para quem está fotografando. Esses traços de cumplicidade entre nós duas deixa clara nossa comunicação, fruto de um registro familiar afetivo.

Para realizar tudo isso, parti de um acervo digital de mais de 10 mil fotos feitas no primeiro ano da minha filha, das quais foram selecionadas 102 para representar uma pequena parte da história de Cecília. Já o capítulo em que nossas infâncias são costuradas é composto por 25 fotos, das quais 12 são minhas, a maioria datada entre os anos de 1992 e 1994, e 13 mostram momentos de Cecília. Com isso, no produto final são expostas o total de 127 fotos, divididas em 28 páginas. Esse processo de curadoria durou meses, das primeiras seleções até a seleção final. Em um trabalho como esse, inclusive pelo caráter pessoal que me atravessava, saber selecionar o que é mais significativo é um desafio.

Depois de feita a curadoria, fiz uma pesquisa por papéis específicos para execução do livro-objeto em forma de scrapbook. Por padrão, eles possuem a gramatura de 180g e o formato de 30x30cm, tamanho que resulta o produto final. Para a montagem das páginas, adquiri papéis que fossem mais neutros para que as fotos tivessem mais destaque. A cor rosa foi a base da maior parte deles.

Na minha busca, conheci algumas artesãs e vi que na prática de *scraping*, como é denominada a produção desse tipo de produto, existe também a possibilidade de inserção de desenhos, gravuras e ilustrações que são fornecidos pelas papelarias especializadas no ramo. Busquei, a partir desse recurso, inserir elementos que se comunicassem com cada acontecimento registrado nas fotografias. Os papéis com desenhos, depois recortados e inseridos ao longo do livro, foram escolhidos de acordo com temas ligados ao universo infantil ou com estética associada a ele (figura 12).

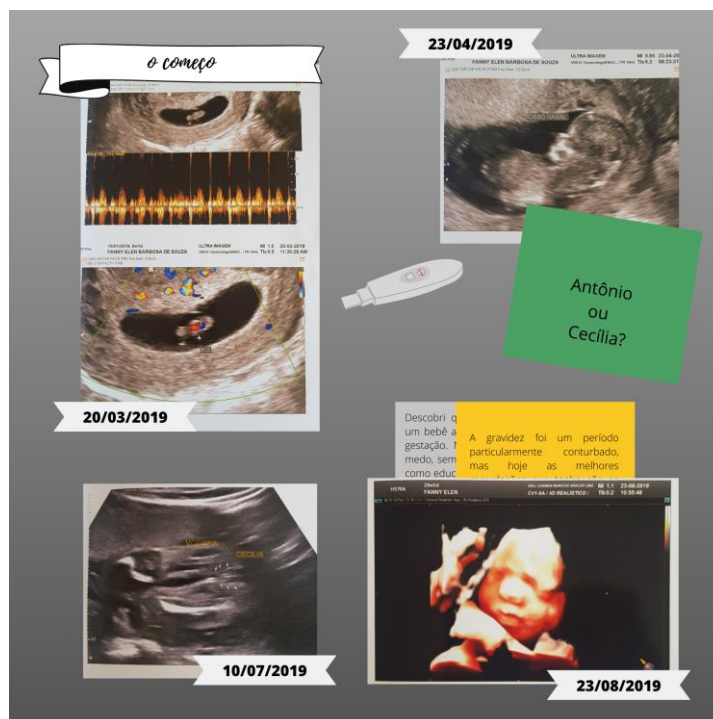
Figura 12. Papéis para *scraping*.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Para planejar a montagem das páginas, criei o esboço do livro através do aplicativo gratuito de diagramação Canva. Esse processo de concepção de uma boneca para o livro durou cerca de duas semanas, entre idas e vindas com o projeto. A primeira página, como planejada e executada (figura 13 e 14), serve de exemplo desse processo de bastidor.

Figura 13. Diagramação de página no Canva.



Fonte: montagem com fotografias de autoria própria, acervo pessoal.

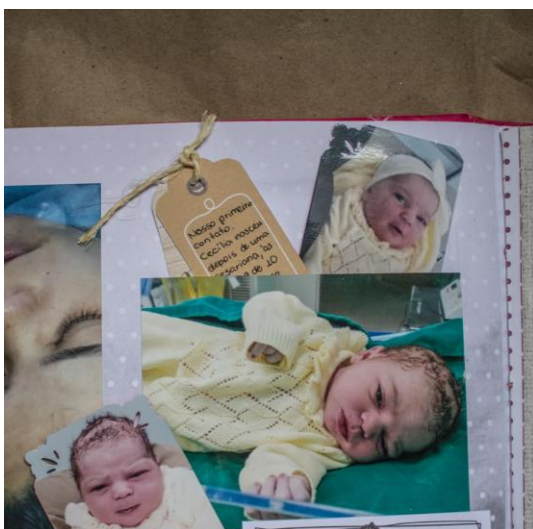
Figura 14. Página executada após projeção no Canva.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

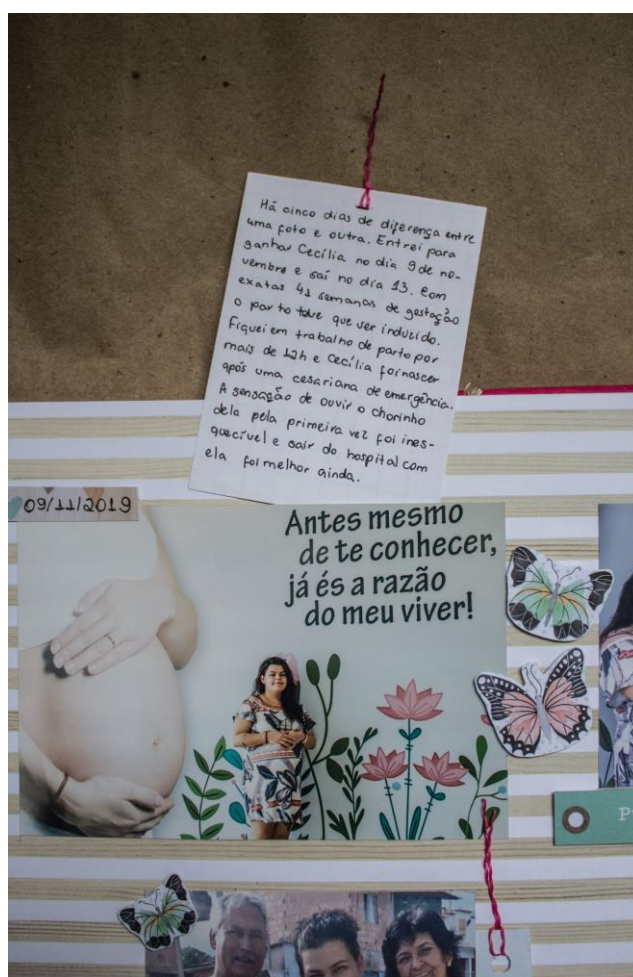
Durante o processo de montagem, além das fotografias e elementos gráficos dos papéis de scrap, utilizei linha para melhor manuseio dos cartões colocados atrás das fotos que serviram como uma espécie de envelope, por serem colados apenas em três das quatro bordas (figura 15). Envelopadas estão 50 das 102 fotos selecionadas, além de informações adicionais expostas em cartões, a partir de pequenos relatos (apêndice 2), permitindo uma leitura mais aprofundada do livro, para além do que as fotografias evidenciam (figura 16). Todas as imagens foram datadas (figura 17). A cada mês que se passava, simbolizava com uma tag (figura 18).

Figura 15. Utilização de linha para melhor manuseio dos cartões ocultos



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 16. Cartão com informação adicional.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 17. Datas para identificação e cronologia das fotos.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 18. Tag mensal



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Quando Cecília nasceu, mandei confeccionar um carimbo para que eu pudesse fazer lembrancinhas e entregar a quem fosse visitar-nos. Como mais uma forma de eternizar algo que já passou, carimbei em uma das páginas a frase que criei para o carimbo (figura 19). Outro elemento que trouxe para dentro do livro foi o pacotinho de lembrancinha do batismo (figura 20), disposto atrás no “envelope” formado pela foto dela com a roupa com que foi batizada. Também adicionei no livro-objeto outro ornamento importante: o primeiro laço que Cecília usou assim que nasceu. Coloquei ele na capa (figura 21).

Como a intenção desde o início era fazer algo manual, artesanal, me utilizei de algumas ferramentas que eu já possuía, que até mesmo eram de minha mãe, como o cortador de cantos que utilizei para detalhar as fotos ocultas (figura 22). Outra forma de manualidade foi usada para literalmente costurar nossas infâncias e histórias. A linha de costura também esteve presente para apontar nossas semelhanças (figura 23). Também costurei a capa (figura 24) e a separação do capítulo em que mostra o cruzamento de nossas infâncias (figura 25). Nessa página anexe também o poema de Cecília Meireles, o qual tive contato logo no início deste trabalho e no qual se baseou toda a ideia do livro, em termos conceituais. E tudo foi encadernado em uma sutura que eu mesma fiz.

Todo o processo de produção artesanal durou nove dias. Ele foi feito por etapas. Apenas a capa levou um dia inteiro para ser confeccionada. Na montagem, juntei as folhas que seriam costuradas umas nas outras, depois as separei em três partes para a montagem do livro. A partir daí, coleí as fotos com fita dupla face e fui inserindo as fotos adicionais envelopadas e possíveis encartes e gravuras, assim como as linhas e outros detalhes. A toda hora precisava voltar para alguma página, pois havia esquecido de alguma nuance. As legendas e textos das fotos foram

os últimos a serem feitos, assim como a escrita do poema Memória, de Cecília Meireles. Toda a montagem foi um processo de ir e vir várias vezes, manuseando o livro com cuidado e atenção, sempre atenta aos detalhes. Perfeccionista como sou, me atentei a cada parte do livro para que no final o produto se tornasse não só algo significativo, mas também bonito.

Figura 19. Carimbo do nascimento de Cecília.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 20. Lembrança do batizado de Cecília.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 21. Laço de Cecília.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 22. Foto com arredondamento feito com ferramenta para cantos de papel.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 23. Costura de fotos.



Fonte: fotografias de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 24. Capa costurada.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

Figura 25. Página de separação de capítulos, com poema.



Fonte: fotografia de autoria própria, acervo pessoal.

2.2 O poder de um álbum fotográfico

Por tudo que evoca da infância da minha filha e da minha, esse livro é de grande valor para mim mesma. Todas as vezes que eu puder manuseá-lo, seja daqui a alguns meses ou anos, poderei notar, rememorando, os momentos em que mais ficamos juntas e que já não fazem mais parte do nosso cotidiano, porque a depender da época, ela poderá estar na escola, com contato

mais frequente com outras pessoas ou com a família do pai, enquanto eu poderei estar muito atarefada com o trabalho. Tais recordações permitirão nossa reconexão, mesmo que por pouco tempo. O mesmo, espero, acontecerá com ela, ao folheá-lo. O livro se comunica, além, em um universo social e poderá ter valor significativo também para todos aqueles que fazem parte da vida de Cecília, como os avós, tios, padrinhos e futuros amigos, talvez até futuros filhos. O livro-objeto pode se tornar, então, uma herança familiar, um objeto que será passado de geração para geração. Retomando o conceito de memória familiar, Candau (2012) diz que memória familiar é uma memória curta que não remonta além de duas ou três gerações, afirmando que o esquecimento ameaça as gerações. Buscando ir contra esta afirmação, espero que a conexão que faço das fotos de Cecília com as minhas permita um resgate da geração passada e garanta uma releitura para as próximas gerações.

Esse universo familiar ou ao menos íntimo evocado (para mim, para Cecília e para as pessoas próximas a nós) determina um pouco da leitura que almejo para o livro. Enquanto eu fazia a curadoria de todas as fotos, até mesmo enquanto construía o álbum, diversos sentimentos tomavam conta: desde angústia à nostalgia, alegria e esperança. A cada vez que eu manuseio as fotos, sinto algo diferente.

A visada das fotos torna-se, portanto, o ponto de chegada dos álbuns. Quando alguém os folheia, cada imagem possui uma história que é re-evocada e re-constituída, preferencialmente alicerçada no senso de positividade, ainda que muitas vezes desafiada no conhecimento da experiência concreta. Afinal, conforme pondera Nelson Schapochnik (1998, p. 461), “a cada nova exposição recompõe-se o léxico familiar, tecido de lembranças e esquecimentos, familiaridade e estranhamento, amor e ódio”. A subsistência do álbum, nessa acepção, depende do olhar daquele que consegue lhe dar significação, para compor ou não as tais memórias felizes. Com efeito, segundo Holland (1996, p. 138), as fotografias de família “carregam o peso de significados que apenas seus sujeitos podem compreender”. (SANTOS; SANTOS; LAIA, no prelo)

Como mencionado por Ana Carolina Lima Santos, Mariana Paes Santos e Victor Laia (no prelo), os significados “completos” que vêm das fotos que reúno no *scrapbook* apenas eu que vi e vivi posso compreender. Quem olha as mesmas fotos que eu, dificilmente irá imaginar ou sentir angústia da forma que senti e sinto novamente ao rever os registros. Esse sentimento vem da solidão que senti enquanto grávida e até mesmo depois do nascimento de Cecília. Em diversas ocasiões eu cuidei dela sozinha. Desejava que houvesse outra pessoa na nossa pequena família. Por outro lado, eu sinto orgulho, alívio e felicidade ao saber que passei por tudo sozinha, que venci, que criei e crio Cecília, sozinha até o momento, apesar das dificuldades, e que ela é saudável e feliz. Isso, também, só eu senti e sinto com o livro. Considero que essas releituras exemplificam o conceito de metamemória de Candau (2012). A leitura que Cecília

futuramente fará diante das fotos, que constituem suas raízes, também serão exemplos de metamemória e permitirá o entendimento do ser humano que ela é e a reafirmação de sua identidade.

Ao passear pelas páginas do livro-objeto, aqueles que não viveram o momento, mas que reconhecem o local, poderão fazer sua própria leitura e visualização dos primeiros momentos de vida de Cecília. Sempre que vou à casa de meu pai, vejo ele olhando para as fotos que mantenho expostas na parede do meu quarto. Acredito que para ele, ver e rever este livro trará diferentes leituras e sensações, principalmente quanto ao tempo que, particularmente para ele, tem passado muito rápido, pois não tem conseguido acompanhar a evolução de Cecília, como muitas vezes já reclamou comigo. Quanto aos padrinhos de Cecília, será um registro das memórias de um tempo que eles (re)viverão agora junto da filha, minha sobrinha, Helena. Minha tia, que sempre foi apegada a objetos pessoais e lembranças, tanto que quase não se desfez dos pertences de minha falecida vó, vai admirar a produção e a conexão feita entre a infância de Cecília e a minha.

Para além da minha “bolha” familiar, espero que o produto desperte a curiosidade de algumas pessoas, principalmente mães de primeira viagem, mães solteiras e amantes da fotografia. O livro-objeto se alinha a uma tendência atual que se encontra na exposição das fotografias que antes era dificultada pela falta de praticidade na revelação e exibições que antes permaneciam apenas no âmbito familiar. Nela, as fotos costumam ser realizadas de forma espontânea, em que muitas vezes a intimidade da pessoa é fotografada de forma despreziosa e o fotografado não se incomoda com o fotógrafo.

A segunda tendência [da fotografia como arte contemporânea] destacada por Cotton (2010) engloba imagens em que instantes cotidianos triviais, captados na intimidade entre fotógrafo e fotografados, revelam rotinas, interações e laços reconhecidos universalmente. Os trabalhos *Shades of time*, de Annelies Strba, lançado em 1988, e *Closer*, de Elinor Carucci, de 2002, são exemplos significativos. Fotografando seus núcleos familiares, as artistas dão a ver seus pais, cônjuges e filhos em meio a atividades banais, como comer, dormir ou tomar banho. Nesses registros, os traços de cumplicidade com as fotógrafas são evidenciados no comportamento dos fotografados, que reagem naturalmente à presença da câmera em sua intimidade. Essa forma de apresentar tais momentos faz com que, mais do que se referir a uma ou outra família, as imagens discorram genericamente sobre a natureza do cotidiano e dos relacionamentos familiares percebidos como universais. (SANTOS; OLIVEIRA, 2016)

O compartilhamento de tipos de fotos já ajuda milhares de mães em todo o mundo. Foi o que aconteceu comigo. Quando eu estava grávida, me interessei pelas histórias de outras mães e comecei a acompanhar algumas em redes sociais. Passei a gravidez toda em grupos de

maternidade lendo relatos e observando as novas mães, também por meio de fotografias. Quando eu estava grávida, em 2019, eu fazia estágio em um jornal local da cidade onde moro. No dia das mães foi feita uma entrevista com uma mãe e eu quem fiz a transcrição da entrevista. Entre choro e digitação, a história dela me deu forças para seguir. É dessa forma, mas principalmente por meio das imagens, que meu produto também se faz potente e necessário nesse meio comunicacional. Quero, com a circulação do livro, garantir que a minha história, que narro nas fotografias e nos textos, seja levada a outras pessoas e a partir delas, que haja a ressignificação e transmissão de uma mensagem.

É impossível entender a memória somente como uma atividade privada (individual ou coletiva) e com repercussões na esfera doméstica; em nosso estado atual de compreensão sociológica, a memória é um fator constituinte do espaço público, ou seja, esse território que comunica o social com o político. Trata-se de uma substância social que pode ser eficaz tanto para consolidar um poder quanto para desafiá-lo, transformando-o ou desestabilizando-o. A memória é um ingrediente importante da malha simbólica nas quais se sustentam nossos ordenamentos sociais, seja se falamos de instituições oficiais, seja se falamos de interações cotidianas entre indivíduos e coletividades. (REATÉGUI, 2011, p. 364, apud SANTOS; SANTOS; LAIA, no prelo)

Como diz Reategui (2011, apud SANTOS; SANTOS; LAIA, no prelo), toda a memória compartilhada torna-se objeto de compreensão social e aberta a interpretações e discussões sociais e políticas. Em se tratando do livro-objeto memorialístico para Cecília, as pessoas de fora do meu círculo familiar poderão enxergar como, apesar de ser mãe solo e viver uma gravidez sozinha e conturbada, encontrei amor e carinho com o nascimento de Cecília e passei para ela toda minha experiência e conexão com minha infância, que foi feliz, junto ao meu pai e minha mãe. É claro que toda a jornada não foi fácil, e as dificuldades também estão postas aí, mas ao compartilhar as fotografias e texto que mostram meu “final feliz”, a ideia é que o livro-objeto leve esperança de dias bons e felizes, em meio às dificuldades diárias que a maternidade possui. “O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente” (SARLO, 2007, p. 9). Nesse caso, é preciso lembrar do passado, no caso do livro-objeto, ao folheá-lo, para dar forma ao presente, permanecendo firme e esperançoso pela felicidade que se encontra em meio aos obstáculos diários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início deste trabalho, me pergunto porque a minha experiência na maternidade e o primeiro ano de Cecília poderia render um Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do bacharelado em Jornalismo. A questão é: como algo que, ao meu ver, normal, cotidiano e particularmente banal, poderia interessar a outras pessoas a não ser aquelas que estão envolvidas no meio do acontecimento? Há algumas décadas, pesquisadores, historiadores e cientistas sociais, inclusive os comunicólogos, tendem ao extraordinário: bruxaria, loucura, festas, literatura popular, “buscando o detalhe excepcional, o vestígio daquilo que se opõe à normalização e as subjetividades que se distinguem por uma anomalia” (SARLO, 2007, p.15). Entretanto, percebeu-se que não só esses sujeitos extraordinários apresentavam conteúdos interessantes para estudo. Os sujeitos “normais” também podem ser estudados, observados e suas histórias compartilhadas, pois também seguem itinerários sociais. Minha memória com Cecília, uma “memória normal”, merece atenção, portanto.

No início deste trabalho, apontei que o livro-objeto elaborado ajudará Cecília a validar sua identidade, já que somos capazes de interpretar nossas memórias de forma única, ressignificando e apontando os principais interesses e pontuando determinados assuntos de acordo com que a vida nos exige acesso e demanda, como aponta Candau (2012). Ao longo de minha pesquisa, percebi a potência da subjetividade por trás de todo o projeto. Observei que o livro é também uma ferramenta de afirmação de identidade para outras pessoas: mulheres, mães, todo o coletivo que se identifica com a história aqui contada. Essa história pode ser invisível e considerada pouco importante para aqueles que não interessam seja pela maternidade, pelas infâncias ou pelo registro de memórias. Mas tem valor para muitos.

As “histórias da vida cotidiana”, produzidas, em geral, de modo coletivo e monográfico no espaço acadêmico, às vezes têm um público que está além desse âmbito, justamente pelo interesse “romanesco” de seus objetos. O passado volta como quadro de costumes em que se valorizam os detalhes, as originalidades, a exceção à regra, as curiosidades que já não se encontram no presente. Como se trata da vida cotidiana, as mulheres (especialistas nessa dimensão do privado e do público) ocupam uma parcela relevante do quadro. Esses sujeitos marginais, que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos “discursos de memória”: diários, cartas, conselhos, orações. (SARLO, 2007, p.17)

Essas novas exigências de que fala Sarlo (2007), que espero ter conseguido atender no trabalho, me exigiu esforço. Mostrar-se a si mesmo e evidenciar suas próprias experiências a princípio parece ser algo fácil. Mas basear-se em “reconstituir a textura da vida e a verdade

abrigadas na rememoração da experiência”, como também afirma Sarlo (2007, p. 18), traz desafios. As fotografias reveladas, catalogadas e assimiladas, que permitem essa rememoração, reivindicam uma dimensão subjetiva que expande. Se você é mulher, mãe ou sujeito que possui vínculo afetivo com alguma criança, você provavelmente se identificará e encontrará o significado por trás do livro-objeto criado, em seus modos de subjetivação. E isso é o que importa.

Para mim, além disso, há muitos aprendizados. Como mulher, mãe, idealizadora deste projeto, enxergo nele todo o simbolismo, nostalgia, amadurecimento e evolução das conquistas adquiridas até o momento. As imagens mostradas são um rastro da minha própria história, mas também representam um meio de conexão, materializando uma dimensão da comunicação a partir das relações, dos afetos e das subjetividades, em uma perspectiva não-midiacêntrica.

Os planos da minha vida mudaram com a chegada de Cecília e lembrar com carinho o que vivi nesse primeiro ano é também me preparar para um futuro melhor. Agora, como jornalista, também aprendi o real valor das histórias e o verdadeiro potencial que há por trás delas. Assim como aconteceu comigo, a narração de histórias como a minha e de Cecília, histórias de um cotidiano normal, trazem alento, esperança e força para quem interessa. São amostras de exemplos que podem ser almejados por aqueles que se encontram em situação semelhante à que vivi e ainda vivo.

Fazer um produto fotográfico que evidencia esse poder de narração tem sua razão de ser. Foi durante o curso de Jornalismo que o poder da fotografia e o uso dela para voltar ao que já foi se tornaram mais fortes para mim. Estudando em uma cidade a quase 90km de distância da casa onde passei minha infância, a minha realidade mudou e minhas raízes ficaram estremecidas. Foi na fotografia que encontrei forças para matar a saudade e registrar cada momento dos dias em que vivia, na tentativa de superar a dor de estar distante não só das pessoas que eu conhecia, mas dos lugares que me eram familiares até o momento em que me mudei, quando tudo se tornou estranho e irreconhecível à minha identidade. Fotografar lugares de Mariana, cidade onde fica o campus do curso, me deu forças para permanecer firme no objetivo de me graduar. O curso também me ofereceu oportunidades de trabalhar com fotografia na comunidade local. Foi aí, mais uma vez, que reconheci o valor que elas possuem e sua importância no resgate de memórias.

Acredito que o resgate de lembranças que já se foram, também por meio da fotografia, são necessárias para preservar, não só a memória, mas a identidade de um sujeito. Eu, particularmente, utilizo das fotografias para buscar força e reconhecimento das minhas origens

e de quem um dia fui, procurando sempre aprimorar e conquistar novos objetivos. Além disso, o que existe hoje pode não existir mais amanhã e o que resta é apenas memória. E, claro, restam as fotos. Por meio de documentações fotográficas podemos visitar e revisitar diversos acontecimentos ao longo dos anos.

Através da fotografia aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades. Imagens técnicas e imagens mentais interagem entre si e fluem ininterruptamente num fascinante processo de criação/construção de realidades — e de ficções. São essas as viagens da mente: nossos “filmes” individuais, nossos sonhos, nossos segredos. Tal é a dinâmica fascinante da fotografia, que as pessoas, em geral, julgam estáticas. Através da fotografia dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão. (KOSSOY, 2005, p. 36)

Há quem simplesmente não goste de fotografias, ou pelo menos de ser fotografado, mas com o reforço de Kossoy (2005), para além da realidade, a fotografia também nos permite não só revisitar o passado, mas sonhar com o que já foi e o que ainda pode ser. Alguns amigos me criticam, dizem que vivo muito no passado, mas acredito que essa é minha essência, sou uma pessoa nostálgica, apaixonada pelo poder das fotos. Com o dia a dia corrido, o tempo das pessoas cada vez mais curto e a demanda cada vez maior, parar para registrar um momento realmente significativo se tornou raro. Encontrar significado e poder na banalidade do cotidiano é um desafio diário que acredito que poucas pessoas possuem. As fotografias são fontes essenciais para relembrar os acontecimentos, sejam eles cotidianos ou não. A fotografia tirada hoje pode não ter muito significado, mas daqui a alguns dias, meses, anos, pode se tornar uma forte recordação. Foi isso também que o Jornalismo e, em especial, a execução deste trabalho, me fez perceber com maior clareza.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Rachel Duarte. **Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04112013-113939/publico/cap04.pdf>>. Acesso em 24 fevereiro de 2021.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BELLINI, Lenora. **A vivência materna do processo de separação-indivíduo mãe-bebê no primeiro ano de vida até a entrada na educação infantil**. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Instituto de Psicologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17487/000715919.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

CALVINO, Ítalo. A aventura de um fotógrafo. In: **Os amores difíceis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 51-64.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

GENEROSO, Daniele Moraes. Memória e poesia: revivendo momentos e eternizando o efêmero. **Letrônica**, 3(1), 268-279, 2010. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7017>>. Acesso em 13 de março de 2021.

KOSSOY, Boris. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. **Revista Brasileira de História**, vol. 25, nº 49, 2005. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a03v2549.pdf>>. Acesso em 26 de março de 2021.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Etienne (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

LIMA, Daniel Francisco. **Fotografia de família:** entre objeto de recordação e material para a arte contemporânea. Frutal: Prospectiva, 2016.

ROMANI, Elizabeth. **Design do livro-objeto infantil.** Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-11012012-115004/publico/DISSERTACAO_DESIGN_DO_LIVRO_OBJETO.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2021.

SANTOS, Ana Carolina Lima; SANTOS, Mariana Paes, LAIA; Victor Macedo de Souza. Articulações afetivas e políticas da fotografia de família no entretempo anacrônico da memória ditatorial: sobre *Arqueologia da ausência*, de Lucila Quietto. In: VALLE, Isabella (org). **Fotografias e culturas midiáticas contemporâneas.** João Pessoa: Editora UFPB (no prelo).

SANTOS, Ana Carolina Lima; OLIVEIRA, Michel de. Entre o afetivo e o político: o ensaio ausências, de Gustavo Germano como reconfigurador das memórias da ditadura. **Revista Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul – v. 16, n. 31, jan./jun. 2017, p. 255-274. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/>>/ Acesso em 22 de julho de 2021.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/UFMG, 2007.

APÊNDICE 1
Páginas do livro-objeto

A. Capa



B. Ultrassons



C. A chegada/Minha História



D. Saída da maternidade/ Em casa



E. Cordão Umbilical/Mês 1



F. Mês 2/Mês 3



G. Mês 4/Mês 5



H. Mês 6/Mês 7



I. Mês 8/Mês 9



J. Mês 10/Mês 11



K. Mês 12/Poema “Memória”, de Cecília Meireles**L. Mesversários**

M. Semelhanças/Casa do vovô Moisés



N. Primeiros passos/Reproduções familiares



O. Brinquedos/Roupa de batismo



P. O gramado



Q. Contra capa

APÊNDICE 2

Textos dos cartões

A. Capa

Memórias - Cecília

B. Ultrassons

Antônio ou Cecília?

Descobri que estava esperando um bebê com um mês de gestação. Mão solo, me vi sozinha e com medo, sem saber o que esperar. Aos poucos meu bebê foi crescendo dentro de mim e fui me acostumando com a ideia. Algo me dizia que era menino, talvez por apreensão de que fosse uma menina, pois dizem que filha briga muito com a mãe. Mas que filho, menina ou menino, não briga?

A gravidez foi um período particularmente conturbado, mas hoje as melhores recordações que tenho são as imagens dos ultrassons. Acompanhar o desenvolvimento do bebê nesses exames me criou muita expectativa, que transcendia todos os medos.

De “sementinha” ao rostinho se formando, cheguei na descoberta de que seria Cecília (e não Antônio).

C. A chegada/Minha História

Nosso primeiro contato. Cecília nasceu, depois de uma cesariana, às 23h50 de 10 de novembro de 2019, pesando 3,718kg e 51cm.

Primeiras horas de Cecília fora da barriga e nos meus braços. Deitada na cama do hospital, na madrugada de 11 de novembro de 2019.

O primeiro comentário da enfermeira ao ver Cecília depois que saiu da minha barriga foi: “olha o tamanho dos cílios dela”. E até hoje é o primeiro comentário que a maioria das pessoas faz ao ver Cecília.

Primeiro registro das mãozinhas de Cecília se agarrando em mim.

13 de novembro de 2019. Dia de sair do hospital e conhecer o mundo.

D. Saída da maternidade/Em casa

Há cinco dias de diferença entre uma foto e outra. Entrei para ganhar Cecília no dia 9 de novembro e saí no dia 13. Com exatas 41 semanas de gestação o parto teve que ser induzido. Fiquei em trabalho de parto por mais de 12h e Cecília foi nascer após uma cesariana de emergência. A sensação de ouvir o chorinho dela pela primeira vez foi inesquecível e sair do hospital com ela foi melhor ainda.

Durante todo o processo para a chegada de Cecília, quem me acompanhou foi meu pai, vovô Moisés. Fomos para Contagem, na casa da minha tia Maria, para que eu pudesse aguardar as contrações e ir para o hospital. Tia Maria e suas filhas Luciete, Lucinha e Eliete me acolheram e me deram todo o apoio.

Dia de se despedir da tia Maria e das primas, em Contagem, e voltar para a nossa casa, em Lafaiete.

Primeira vez de Cecília no seu bercinho.

E. Cordão Umbilical/Mês 1

O cordão umbilical, primeiro laço a ser desfeito entre nós duas.

Cecília, que antes habitava em mim, recebia oxigênio e era nutrida através do cordão umbilical. Agora, habitando o mundo, respira com seus próprios pulmões e alimenta seu organismo com o mecanismo e funções do seu próprio corpo.

Primeira vez de Cecília no bercinho na casa do vovô Moisés, em Queluzito. O berço feito de palha, que pertenceu a mim e ao meu irmão, foi reformado pelo vovô para a chegada de Cecília.

Cecília tomando banho pela primeira vez na casa do vovô. A banheira amarela foi a mesma usada por mim.

F. Mês 2/Mês 3

Entre alegrias e muita bagunça, alguns “desastres” acontecem. O primeiro acidente ao trocar fraldas a gente nunca esquece.

Na casa do vovô Moisés, no colo do dindinho Farley e ao lado da dindinha Pollyana.

Dia de batizado. Tia Maria e as primas Luciete e Lucinha saíram de Contagem e foram até Queluzito para o batizado de Cecília.

Meu irmão Farley e sua esposa, Pollyana, batizaram Cecília no dia 9 de fevereiro.

G. Mês 4/Mês 5

Pela primeira vez resfriada, me deixando com o coração apertado.

No primeiro contato com a grama e sua textura, na casa do vovô, Cecília já ficava sentada sem apoio. Ela conseguiu arrancar alguns matinhos com as mãozinhas. Fiquei impressionada com sua força.

Páscoa tem que ter chocolates. Apesar de Cecília não poder comer nada ainda, ela ganhou uma cesta de ovos da páscoa dos avós paternos!

Quase seis meses e a roupa de saída da maternidade, antes um vestido, já virou blusinha.

Cinco meses de diferença entre as duas fotos. Nós duas engordamos juntinhas nessa jornada.

H. Mês 6/Mês 7

Cecília ainda não engatinhava, mas começou a se arrastar para todos os lados. Logo descobriu o espelho. Ela já fica em pé, quando tem apoio.

29 de maio. Cecília começou a engatinhar.

Na casa do vovô, colhendo laranja direto do pé. Cecília já experimenta frutinhas.

De manhã, quando acorda, já balbucia “mama”, me chamando. Também fica de pé, apoiada no berço, me esperando para tirá-la dali.

I. Mês 8/Mês 9

Pouco antes de completar oito meses, no dia 10 de julho, Cecília caiu da cama. Foi um susto muito grande. Já havíamos preparado seu primeiro *smash the cake*, encomendado bolo e tudo mais. Apesar do tombo, fizemos as fotos em casa mesmo, mas ela não conseguiu aproveitar o quanto gostaria, pois estava abalada com a queda.

No dia 17 de julho ainda era possível ver o tamanho do galo que se formou na cabecinha. Apesar da preocupação, o raio-x mostrou que não houve nada.

Ao lado das pelúcias da Parmalat, de 1996. Vovó Lucilene , que não está mais entre nós, foi quem me ensinou a conservar as peças que se tornaram lembranças e eu com certeza ensinarei Cecília a fazer o mesmo. Para mim, conservar alguns objetos faz com que algumas lembranças sejam eternizadas.

Com nove meses, Cecília passou mal e, depois de ir ao hospital três vezes, foi internada. Não foi possível diagnosticar precisamente o problema, pois os médicos disseram que o uso de antibióticos mascararam a real causa da infecção.

Momentos difíceis de dor e cansaço - com a felicidade depois da recuperação.

J. Mês 10/Mês 11

No seu décimo mês de vida, comemoramos com um bolinho.

De volta à ativa, muito colo, bagunça e mama.

Cecília ganhou um carrinho de passeio da tia Nice. Ela já ensaiava para começar a andar sozinha. Comprei um tênis para ver se ajudava no desempenho. Foi empurrando o carrinho que ela alcançou essa nova etapa de desenvolvimento: alguns dias depois ela já soltava as mãozinhas e andava sem apoio.

K. Mês 12/Poema “Memória”, de Cecília Meireles

Na sua pequena festa em comemoração pelo primeiro aninho, Cecília já andava para todos os lados. Ela também começou a ir para a casa do pai e dormir uma noite por lá, sem mim. Esse foi o início de uma certa independência. Apesar de ainda amamentá-la, consegui dar um pouco de liberdade e deixar que ela convivesse mais com a família do pai. De certa forma, ganhei mais liberdade também, apesar de ter sido difícil me desgrudar no início.

Fiquei alguns meses preparando o aniversário de um ano de Cecília. Escolhi o tema pensando no significado do desenho, principalmente pelo significado que traz para a palavra “ohana”>: “Essa é a minha família. Eu achei. Sozinho. Eu achei. É pequena e incompleta, mas é boa. É, é boa. ‘Ohana’ quer dizer família, família quer dizer nunca mais abandonar ou esquecer”, diz o personagem de Stitch na animação. Assim como nos filmes, considero minha família pequena. Antes éramos apenas meu pai, meu irmão e eu. Minha mãe faleceu em 2012. Meu irmão se casou, então tenho uma cunhada e em outubro de 2020 ganhei uma sobrinha. Ainda há minha tia Nice, irmã da minha mãe, que faz parte das pessoas próximas a mim. Agora tenho Cecília. Ela e eu formamos uma nova família. Nós duas moramos sozinhas em um apartamento e compomos uma família pequena, mas boa.

O poema de “Memória”, de Cecília Meireles, encontra-se no anexo

L. Mesversários

Sem texto.

M. Semelhanças/Casa do vovô Moisés

A casa onde cresci e ainda mora o vovô Moisés, em Queluzito. Ao longo do primeiro ano de Cecília tivemos alguns momentos importantes e marcantes lá, como, antes, tive enquanto bebê. Acabei a fotografando em alguns locais em que minha mãe também me fotografou quando bebê. Algumas fotos foram refeitas de propósito, outras foram apenas coincidência.

Galinhas já não existem mais, mas o espaço continua sendo utilizado e novas lembranças vão se formando.

N. Primeiros passos/Reproduções familiares

No gramado, em frente à casa, Cecília e eu andamos e engatinhamos.

Cerca de 27 anos separam as duas fotos. Minha mãe e eu, ainda bebê; depois, Cecília e eu, já mãe. Essa foi uma das fotos que eu quis refazer e ressignificar.

Não tenho muitas fotos com minha mãe e Cecília não pôde conhecê-la. Essa foi a forma que eu achei para mostrá-la o quanto estão ligadas - ela faz parte do mesmo ambiente em que sua avó e eu um dia vivemos.

Meu irmão me segurando pela mão quando éramos crianças e depois, agora como padrinho de Cecília, a segurando também. As fotos foram tiradas na casa do meu pai.

O. Brinquedos/Roupa de batismo

Tenho até hoje alguns dos brinquedos de quando era um bebê. Nessa foto há pelúcias da minha infância. Apesar de as fotos não terem sido feitas no mesmo local, considero simbólica a diferença e ao mesmo tempo a semelhança entre as duas infâncias. Em ambas as fotos há elementos em que o denominador comum é a minha mãe. Ela teve contato com parte dessas pelúcias, sendo que algumas até mesmo pertenceram antes a ela.

Minha vó Nega guardou a roupinha com que eu fui batizada. Conservada, vesti em Cecília e fiz algumas fotos.

P. O gramado

Essas três fotos são as que mais tenho carinho. Elas foram feitas exatamente no mesmo lugar, também na casa de meu pai, vovô Moisés. A de Cecília foi produzida deliberadamente, como uma forma de sinalizar esse cruzamento entre as nossas histórias

ANEXO

Poema “Memória” de Cecília Meireles

A José Osório

Minha família anda longe,
com trajos de circunstância:
uns converteram-se em flores,
outros em pedra, água, líquen;
alguns, de tanta distância,
nem têm vestígios que indiquem
uma certa orientação.

Minha família anda longe,
-na Terra, na Lua, em Marte-
uns dançando pelos ares,
outros perdidos no chão.

Tão longe a minha família!
Tão dividida em pedaços!
Um pedaço em cada parte...
Pelas esquinas do tempo,
brincam meus irmãos antigos:
uns anjos, outros palhaços...
Seus vultos de labareda
rompem-se como retratos
feitos de papel de seda.
Vejo lábios, vejo braços,

-por um momento persigo- os;
de repente, os mais exatos
perdem a exatidão.
Se falo, nada responde.

Depois, tudo vira vento,
e nem o meu pensamentos
pode compreender por onde
passaram nem onde estão.

Minha família anda longe.
Mas eu sei reconhecê-la:
um cílio dentro do oceano,
um pulso sobre uma estrela,
uma ruga num caminho
caída como pulseira,
um joelho em cima da espuma,
um movimento sozinho
aparecido na poeira...
Mas tudo vai sem nenhuma
noção de destino humano,
de uma recordação.

Minha família anda longe.
Reflete-se em minha vida,
mas não acontece nada:
por mais que eu esteja lembrada,
ela se faz de esquecida:
não há comunicação!
Uns são nuvem, outros, lesma...
Vejo as asas, sinto os passos
de meus anjos e palhaços,
numa ambígua trajetória
de que sou o espelho e a história.
Murmuro para mim mesma:
“É tudo imaginação!”

Mas sei que tudo é memória...